O GLOBO

2ª edição • Domingo, 4 de junho de 2000

CONFLITO DO TRAÍRA: *Ex-mulher de garimpeiro até hoje desaparecido afirma que ele não tinha ligação com as Farc*

Colombianos não esquecem cenas do conflito

Comerciantes dizem ter sido presos e torturados por militares sob a acusação de serem guerrilheiros

Amaury Ribeiro Jr.

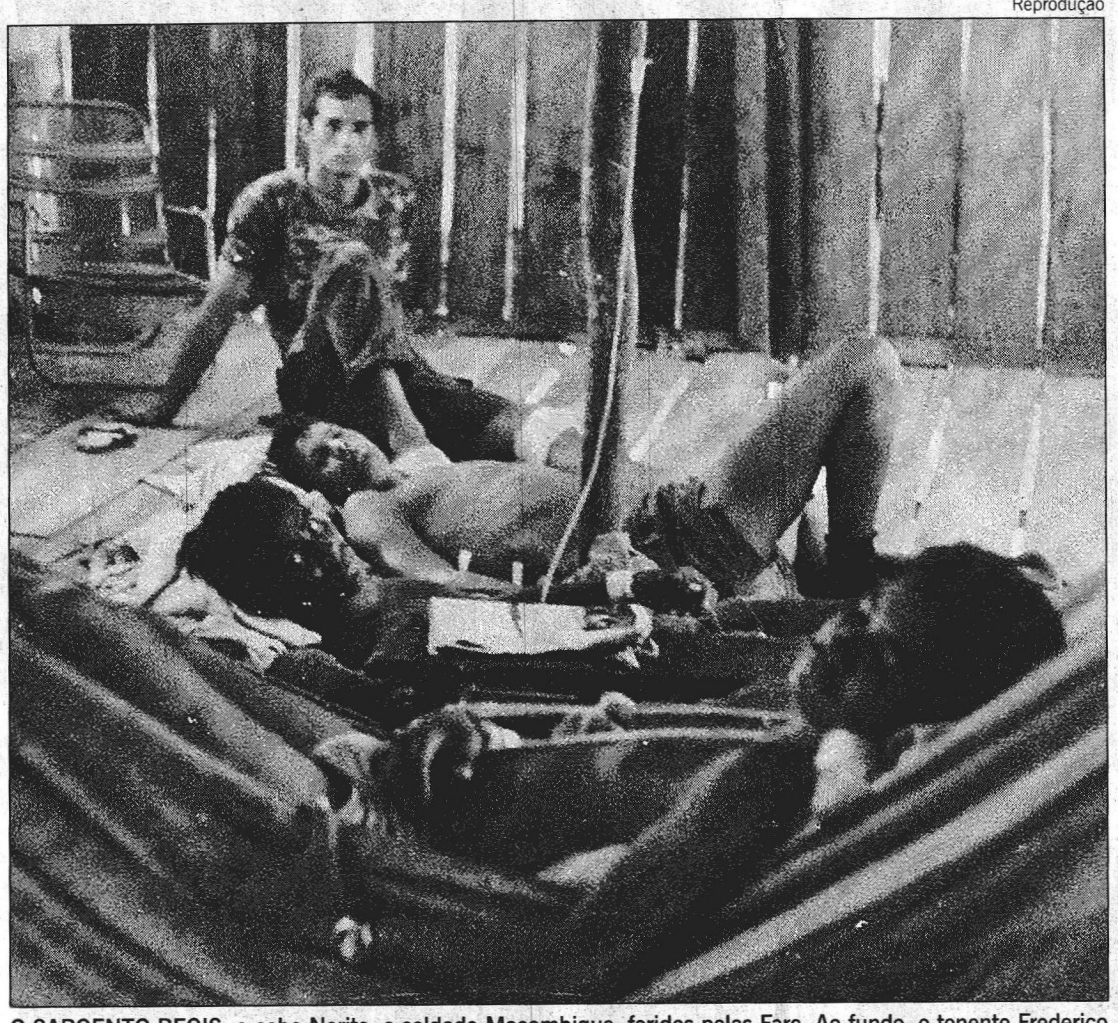
Enviado Especial

• LETÍCIA e TARAPACA (COLÔMBIA). Dizendo ter sido torturado por militares brasileiros, o comerciante colombiano Roosvel Prada Calderón, de 27 anos, afirma que os três primeiros garimpeiros que teriam sido executados no conflito do Rio Traíra foram presos no garimpo da Anta, na Colômbia. Dono, na época, de um bar no garimpo, Calderón diz que os três mortos — Carlos Ardilla, Anicetto Reis e outro conhecido como Lilinga — nunca tinham entrado em garimpos brasileiros.

Calderón, que mora hoje em Villacencio, na Colômbia, diz que, uma semana depois da morte dos três garimpeiros, ele também foi vítima de militares ao ser preso, juntamente com Gerardo Forero, Elber Martinez e Carlos Morenos, num barco em La Pedreira, na Colômbia. Diz que, apesar de terem autorização para subir o rio, acabaram presos pelos militares brasileiros sob a acusação de pertencerem às Farc.

Segundo o comerciante, os militares tentaram obrigá-los a usar boinas e botas da guerrilha para justificar a prisão. Calderón diz que ele e os amigos se recusaram e foram torturados.

Reprodução



O SARGENTO REGIS, o cabo Nerito, o soldado Moçambique, feridos pelas Farc. Ao fundo, o tenente Frederico

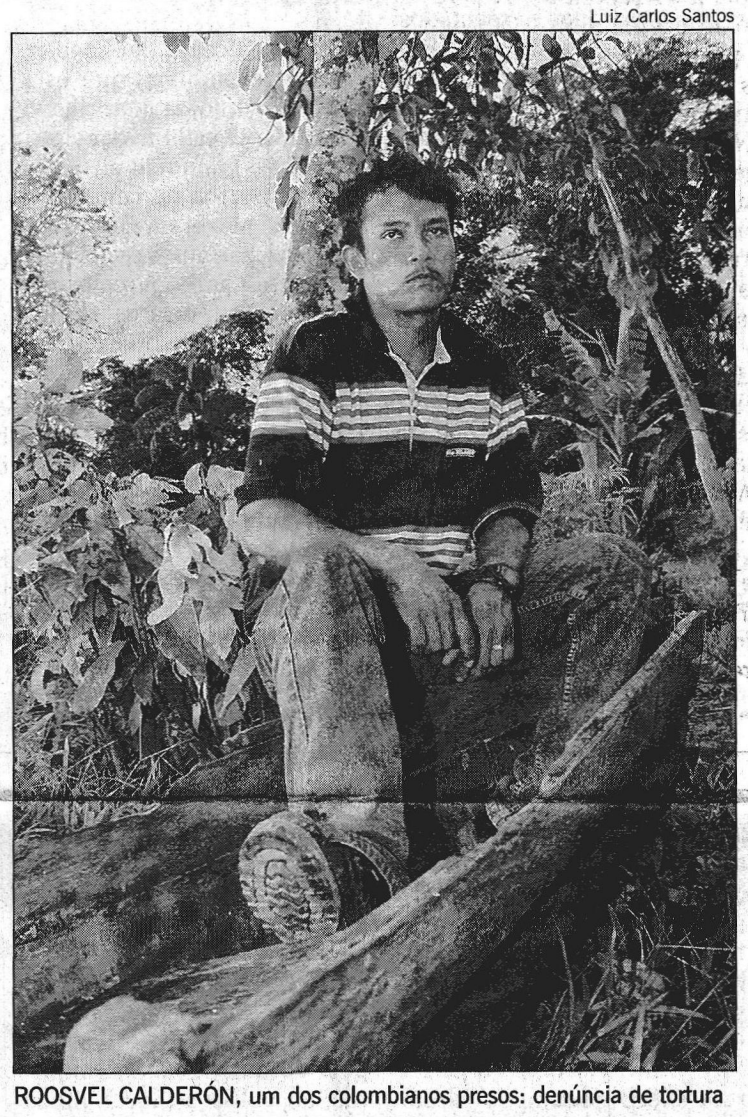
Ricardo Beliel/fevereiro de 91

COLOMBIANOS PRESOS, amarrados e com os olhos vendados. Calderón é o segundo a partir da esquerda

Reprodução

OS CORPOS DOS SOLDADOS brasileiros mortos no ataque de 1991

Luiz Carlos Santos



ROOSVEL CALDERÓN, um dos colombianos presos: denúncia de tortura

Moradores falam em 15 mortes

• Ao ser levado, juntamente com os amigos, para a prisão subterrânea no posto militar do Rio Traíra, Calderón diz ter encontrado uma prova de que os garimpeiros colombianos tinham sido executados:

— Na prisão, que cheirava mal, encontrei um couro cabeludo e outros restos mortais, queimados com gasolina.

Segundo Calderón, só no município de Traíra os moradores contaram 15 mortos e desaparecidos. O desaparecimento dos garimpeiros foi denunciado por seus parentes ao Comitê de Direitos Humanos da Colômbia. Entre os garimpeiros até hoje desaparecidos ele cita Antônio Rodriguez, Manuel Riveira e Carlos Benjuma.

— Rodriguez era um homem trabalhador, sério, nunca foi guerrilheiro. Foi uma injustiça — diz sua ex-mulher, Dora Rodriguez.

Segundo Calderón, entre os desaparecidos há também um casal de garimpeiros conhecidos por Camilo e Chiquita. Clientes do bar de Calderón, o casal teria sido preso por militares brasileiros duas semanas depois do ataque das Farc ao posto do Exército. Calderón diz acreditar que Chiquita seja a mulher que teria sido executada a golpes de facão pelos militares.

Prisioneiros foram libertados

• A versão do comerciante é confirmada pelo repórter fotográfico Ricardo Beliel, um dos primeiros jornalistas a chegar ao lugar do conflito. Ele disse ter escutado gritos de dor de garimpeiros que estariam sendo torturados no posto do Rio Traíra, onde permaneceu durante dois dias.

— Os prisioneiros só não foram mortos porque chegamos lá. Eles estavam num buraco, com cordas passadas pelas mãos, amordaçados e jogados uns sobre os outros — diz Beliel, que fotografou Calderón e os demais prisioneiros.

Cenas de torturas e violência estão presentes também em relatos do comerciante colombiano Ivan Luna, detido por militares brasileiros no pelotão militar de Villa Bittencourt, na mesma região do Rio Traíra em que tinha um estabelecimento comercial. Sob a acusação de ajudar a guerrilha, Ivan Luna, que tem mulher e um filho brasileiros, disse que, após ter os olhos vendados com um capuz, foi levado num helicóptero do Exército brasileiro até o Batalhão de Infantaria de Tabatinga. Durante o trajeto, Luna — que até hoje tem a cicatriz de uma costela quebrada, segundo ele, por um golpe de fuzil — disse ter passado os piores momentos de sua vida.

A situação do comerciante agravou-se ainda mais, segundo ele, quando chegou em Tabatinga, onde diz ter permanecido dois dias amarrado e com o capuz na cabeça numa mata localizada atrás do quartel do Exército.

— Eles viviam armando uma pistola na minha cabeça. Além disso, me batiam para tentar me obrigar a dizer que eu era guerrilheiro — diz Luna.

O comerciante diz acreditar que só não foi executado por causa da interferência do Consulado da Colômbia, acionado por um tio seu, que, na época, era governador em seu país.

De acordo com Luna, depois que o consulado colombiano foi acionado, os militares o deixaram, ferido, em sua casa em Vila Bittencourt, em vez de repatriá-lo pelos meios legais.

O comerciante diz ainda que continuou sendo perseguido por militares brasileiros e que, por isso, foi obrigado a abandonar sua casa em Vila Bittencourt. Dizendo-se traumatizado e com medo por ainda morar na fronteira com o Brasil, Luna, que na época se recusou a dar depoimento à Procuradoria Geral da Colômbia, diz que só resolveu falar atendendo a um pedido de colegas colombianos que pedem a punição dos acusados. ■